

ww talks

oferecido
por  Galapagos
CAPITAL

Ep. 01

O jeito americano de refazer
o mundo está funcionando?

EBOOK

APOIO


BRASIL



SUMÁRIO

- 01.** Conheça o WW Talks pág 02
- 02.** Trump e o Brasil, dimensões do impacto pág 02
- 03.** Política externa: diagnóstico e omissões estratégicas pág 03
- 04.** Eleição 2026, variáveis e cenários pág 03
- 05.** Terras raras, potencial e modelo de exploração pág 04
- 06.** Crise institucional e desinformação pág 05
- 07.** Perspectivas e síntese pág 06

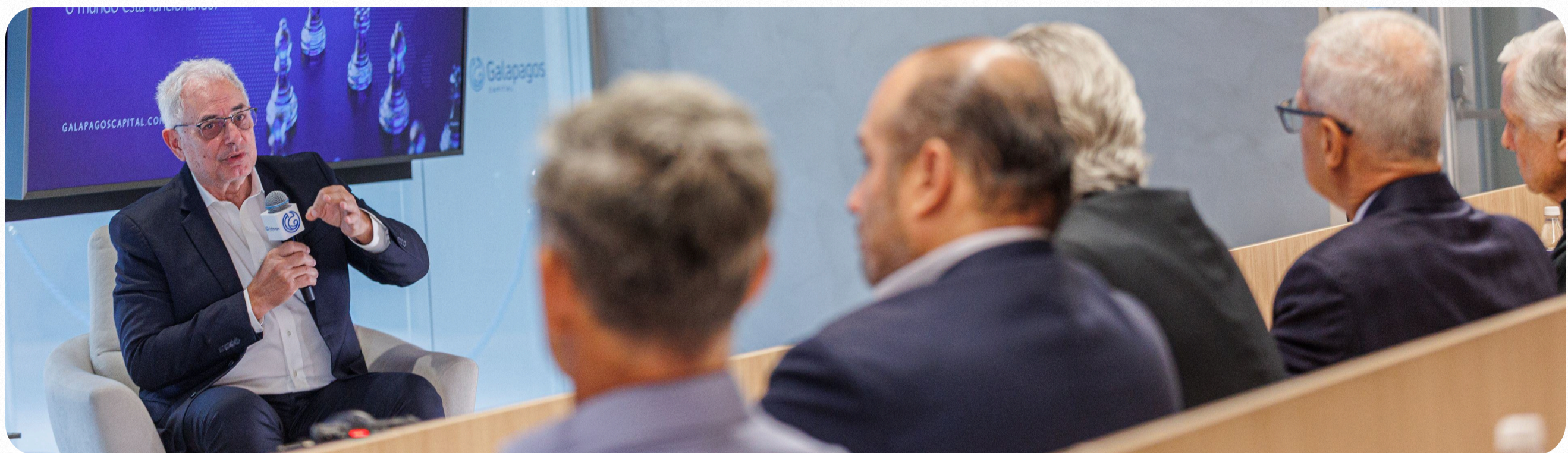




01. Conheça o WW Talks

O **WW Talks** é um programa oferecido pela Galapagos Capital, com apoio da CNN, que reúne jornalistas e outros especialistas para debates de alto nível, sem script, sem teleprompter e sem intervalo comercial, uma escolha deliberada que privilegia a profundidade em detrimento do espetáculo.

A edição de abril de 2026 teve como tema central a influência de Donald Trump sobre a economia, a política e a geopolítica brasileira, com desdobramentos para a eleição presidencial de 2026 e para setores estratégicos como terras raras e sistema financeiro.



02. Trump e o Brasil, dimensões do impacto

O ponto de partida do debate foi a natureza singular de Donald Trump como ator político: um líder que decretou a própria infalibilidade, se autoproclamou a volta de Jesus Cristo nas redes sociais e opera exclusivamente a partir de suas próprias vontades. Para os debatedores, isso representa um desafio estrutural não apenas para o jornalismo, mas para toda a ordem internacional.

Três dimensões de impacto sobre o Brasil

Econômico: As medidas tarifárias, o chamado tarifaço, atingiram exportações brasileiras e forçaram o setor privado a reconfigurar cadeias comerciais de forma acelerada. O risco de uma nova rodada de tarifas voltou à mesa em abril de 2026.

Político-eleitoral: A figura de Trump funciona como um espelho ideológico que reorganiza o campo político brasileiro. O bolsonarismo se alinha automaticamente às posições trumpistas; o governo Lula as trata como ameaças a combater. Isso contamina o debate público com lógica de política doméstica, em detrimento de análise racional de política externa.

Geopolítico-estrutural: A doutrina de segurança nacional da Casa Branca reivindica a América do Sul como zona de influência americana. A declaração de organizações como CV e PCC como grupos terroristas têm implicações diretas de direito internacional e de cooperação judicial, além de impacto eleitoral imediato no Brasil.

“Nós fomos chutados para fora de um berço esplêndido e caímos dentro de um pesadelo. Esse pesadelo está fazendo a gente desenvolver inteligência estratégica, ou estamos mais perdidos do que antes?”
William Waack

A geopolítica no cotidiano brasileiro

Um dos pontos mais enfatizados foi a distância entre o debate geopolítico abstrato e suas manifestações concretas no dia a dia. PIX, segurança pública, terras raras, câmbio, eleições, todos esses temas foram listados como reflexos diretos de decisões tomadas em Washington ou Pequim. A geopolítica, na leitura dos debatedores, não é um fenômeno distante, está no nosso colo.



03. Política externa: diagnóstico e omissões estratégicas

Houve consenso entre os participantes sobre a ausência de uma política externa econômica proativa por parte do governo Lula. A postura foi descrita como predominantemente ideológica, reativa e orientada pela dinâmica de política doméstica, e não por uma visão estratégica de longo prazo.

O custo do fechamento de canais

A maior falha identificada no episódio do tarifaço de 2025 foi o fechamento dos canais de diálogo e negociação comercial. O Brasil se retirou das mesas multilaterais presumindo que sua posição estaria garantida, e pagou o preço com isolamento e vulnerabilidade tarifária.

Mesmo diante do enfraquecimento dos organismos internacionais, tendência que estava no radar desde o início do mandato, o governo não promoveu nenhuma ação concreta de reconquista de espaço de negociação ou de reposicionamento estratégico do Brasil como potência energética e de infraestrutura.

A questão China

A relação com a China foi descrita como afetivamente intensa e estrategicamente ingênua. A primeira visita de Lula à China durou uma semana e movimentou uma grande comitiva de ministros e empresários; a visita aos EUA durou um final de semana e produziu apenas protocolos formais. Esse desequilíbrio reflete um alinhamento ideológico, não necessariamente de interesse nacional.

O risco de médio prazo é concreto: a China vem reduzindo sistematicamente sua dependência das importações brasileiras de grãos. O Brasil, por sua vez, não tem desenvolvido alternativas para esse cenário, permanecendo vulnerável a uma transição que pode ocorrer em 10 a 15 anos.

“O que fica claro é que o Brasil continua preso no curto-prazismo. E a questão energética, por exemplo, demanda um pensamento de maior longo prazo, que simplesmente não existe.”
Thaís Herédia

04. Eleição 2026, variáveis e cenários

O debate dedicou atenção significativa à eleição presidencial brasileira de 2026, descrita como tecnicamente empatada e com resultado imprevisível. Os dois campos, Lula/PT e a oposição liderada por Flávio Bolsonaro, apresentam ativos e vulnerabilidades distintos.

Por que o PT está empatado mesmo com o governo Lula

O PT possui um receituário eleitoral consolidado ao longo do século: seis eleições disputadas, cinco vitórias. A organização, a capilaridade territorial, o financiamento e o discurso, rico versus pobre, capital versus trabalho, ainda encontram ressonância em um país estruturalmente desigual. Isso sustenta o desempenho eleitoral mesmo diante de um governo descrito como mediano para baixo.

“Está empatada porque, de certo modo, o PT e o Lula têm um receituário vitorioso nesse século. Sabem fazer campanhas, são organizados, estruturados e têm um discurso muito acessível, que ainda encontra respaldo em um país desigual.”
Caio Junqueira



A marca da eleição 2026: o caso Máster e o STF

Assim como cada eleição brasileira do século XXI teve um tema definidor, a eleição de 2026 teria no Caso Máster e na percepção negativa sobre o Supremo Tribunal Federal seu elemento estruturador. O sentimento de abuso de poder e arrogância institucional pode ser decisivo.

“O grande tema de 2026, para mim, é o Caso Máster e esse sentimento de aversão ao STF, que está colando no governo Lula.”
Caio Junqueira

O papel de Trump na eleição

Os participantes foram categóricos: Trump pauta, mas não determina. Ele introduz temas na agenda, segurança pública, terras raras, STF, mas não decide o resultado eleitoral brasileiro.

“Trump pauta, mas não determina a eleição. O que decide é o sentimento doméstico.”
Thaís Herédia

Cenário se Lula vencer

Continuidade da postura ideológica na política externa; possíveis acordos de terras raras dispersos entre múltiplos países; relação tensa com os EUA; dependência estrutural da China.

Cenário se oposição vencer

Alinhamento forte com os EUA; avanço em acordos de terras raras e defesa; reversão da postura em relação à China; redesenho da política externa com viés pragmático e pró-mercado.

05. Terras raras, potencial e modelo de exploração

O tema das terras raras emergiu como ponto de convergência entre geopolítica, economia e soberania. O Brasil possui reservas significativas desses minerais críticos para tecnologia, defesa e transição energética e está no centro de uma disputa por acordos com EUA, China e Índia.

O estado atual das negociações

O acordo celebrado pelo governador Caiado foi descrito como gesto predominantemente político, uma sinalização de alinhamento, não um contrato concreto.

“O acordo do Caiado é muito mais político do que econômico, uma sinalização de posicionamento.”
Caio Junqueira

As minutas entre Brasil e EUA permanecem confidenciais e o tema deve permanecer suspenso até o período eleitoral.

Um detalhe relevante: o Brasil fechou acordo com a Índia enquanto evita fechar com os EUA, refletindo mais a lógica de política doméstica do que uma estratégia externa.



O debate sobre o modelo

A questão de se o Brasil deve criar uma estatal não admite resposta simples. O setor envolve soberania, defesa e tecnologia.

“Apenas 2,5% dos projetos minerais se tornam de classe mundial.
A questão não é se o Brasil tem o recurso, é se tem governança para aproveitar.”
William Waack

Alavancas do governo

Independentemente do modelo, três fatores determinam o sucesso:
regulação adequada, infraestrutura e custo de capital.

“Se o governo acertar regulação, infraestrutura e custo de capital, o resultado vem em 5 a 10 anos.”
Thaís Herédia

06. Crise institucional e desinformação

O último bloco tratou da deterioração institucional e do ecossistema de desinformação, fenômenos interligados com impacto direto na eleição.

A dissolução dos gatekeepers

A força das fake news está ligada à perda de credibilidade das instituições que funcionavam como guardiãs da verdade.

“A importância das fake news está ligada à perda do gatekeeper, quem garante a veracidade dos fatos.”
William Waack

O jornalismo foi apontado como vítima desse processo. A figura do influenciador digital passou a ocupar esse espaço.

Inteligência artificial e deepfake

O TSE está debatendo regras para o uso de IA na campanha. O desafio é equilibrar regulação e liberdade.

“O problema não é só tecnológico, é institucional. Quem o público ainda reconhece como verdade?”
William Waack

A crise dentro das instituições

Além da percepção pública negativa, há uma crise interna nos poderes.

“O Brasil vive uma crise institucional de percepção e também dentro das próprias instituições.”
Thaís Herédia

Exceção positiva

A moeda foi apontada como instituição de maior reconhecimento no país. O PIX é um caso raro de política pública que transcendeu governos.



07. Perspectivas e síntese

O primeiro episódio do WW Talks produziu um diagnóstico consistente e, em vários pontos, preocupante. O Brasil enfrenta simultaneamente pressões externas e fragilidades internas que limitam sua capacidade de resposta.

A janela de oportunidade é real, mas estreita. O país possui ativos relevantes, mas carece de visão estratégica de longo prazo.

A eleição de 2026 é imprevisível e dependerá mais do cenário doméstico do que da influência externa.

A ausência de pensamento estratégico é sistêmica e atravessa diferentes esferas de poder.

O sistema financeiro é um ativo relevante, mas vulnerável a pressões externas.

A qualidade das instituições será determinante para o futuro.



“A geopolítica não está distante, ela está no nosso dia a dia, em todos os detalhes possíveis.”

William Waack